



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

MOVIMENTOS DO CORPO-VIDA DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS

Scheila Silva Rasch
Angela Nobre de Andrade

RESUMO

Analisa a experiência do uso de drogas por mulheres, com padrão de consumo abusivo ou dependente de substâncias psicoativas e a interferência desse consumo em seus corpos, suas vidas. Emprega metodologia qualitativa para o estudo, mediante pesquisa etnográfica, com análise de dados baseada na análise de conteúdo, tendo como sujeitos mulheres em tratamento, no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS ad), de Vitória, Espírito Santo. Destaca a relevância de pesquisas enfocando mulheres e o consumo de drogas, com vistas à ampliação de abordagens terapêuticas nessa área de trabalho.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. Corpo. Droga. Mulheres. Tratamento.

INTRODUÇÃO

Quais os tipos de droga que mulheres usam? As lícitas? As ilícitas? Qual a função que o uso de droga com padrão abusivo¹ ou padrão dependente² cumpre em suas existências? O que faz as mulheres buscarem o prazer momentâneo da droga? Diante dessa conjunção de inquietações, estamos nos propondo o desafio de articular três categorias: mulheres, corpo/vida e droga. O que teremos nessa tríade?

¹ Padrão de uso recorrente da substância que induz prejuízos e sofrimentos clinicamente significativos como o não cumprimento de obrigações laborais, escolares, domésticas, uso repetitivo da substância em situações nas quais isto representa perigo físico; problemas legais periódicos relacionados à substância; uso continuado da substância, apesar de problemas sociais ou interpessoais constantes ocasionados pelos efeitos da substância, dentre outros (DSM IVTM, 2002).

² Padrão de uso de substância que ocasiona prejuízos e sofrimentos clinicamente significativos, por exemplo, tolerância (necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para adquirir a intoxicação), abstinência, esforços malsucedidos no para reduzir ou controlar o uso da substância, tempo demasiado gasto em atividades para a obtenção da substância, na utilização da substância ou na recuperação de seus efeitos, abandono ou redução de atividades sociais, ocupacionais ou recreativas, dentre outros (DSM IVTM, 2002).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

A experiência na função de uma das coordenadoras³ do Grupo de Mulheres, realizado no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS ad), do município de Vitória, Espírito Santo, fez-nos elencar as seguintes questões: o que faz as mulheres estarem realizando um padrão abusivo e/ou dependente de drogas? O que as faz “escolher” a droga em detrimento de outros aspectos de suas vidas?

De posse dessas indagações, estamos realizando um estudo⁴ que tem por objetivo identificar a experiência do consumo de drogas por mulheres no CAPS ad, participantes desse Grupo de Mulheres e o que essa qualidade de relação abusiva ou dependente da substância psicoativa tem produzido em seus corpos-vidas.

A relevância científica e social desse estudo refere-se ao aprofundamento de estudos que indiquem aspectos sobre a relação que as mulheres estão estabelecendo com as substâncias psicoativas na contemporaneidade, gerando padrões abusivos ou dependentes dessas substâncias. Dessa forma, busca-se mediante o saber e vivência dessas mulheres dados que poderão subsidiar e orientar abordagens terapêuticas no campo políticas públicas de saúde respeitando-se à singularidade das mulheres que procuram tratamento ou até mesmo estratégias de prevenção e de promoção de saúde.

A seguir, apresentamos dados de estudos relativos ao tema mulheres e o consumo de drogas, bem como o desenho do percurso metodológico do estudo em questão.

MULHERES E DROGAS

O uso de drogas por mulheres sempre ocorreu na história da humanidade e não é um fenômeno contemporâneo (BRASILIANO, 2003). Entretanto, os transtornos relacionados a esse uso têm sido datados

³ Essa coordenação é realizada em parceria com a psicóloga Vera Cristina Mendes de Moraes, também psicóloga no CAPS ad.

⁴ Trata de uma pesquisa, nível doutorado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação de Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

progressivamente a partir da segunda metade do século XX (BLUME, 1986), sendo essa progressividade um acontecimento comum a diversos países.

Estudos e estimativas do Epidemiological Catchment Area Study demonstraram que aproximadamente 5% das mulheres apresentam questões de abuso e de dependência do álcool e outros 5% apresentam problemas de abuso e de dependência em relação a outras drogas (ANTHONY; HELZER, 1991).

Os estudos epidemiológicos tanto no mundo, quanto no Brasil identificam uma predominância masculina no abuso da maioria das substâncias, com exceção, em alguns países, dos medicamentos (por exemplo, benzodiazepínicos). No entanto, a prevalência entre mulheres não é irrelevante e varia muito a cada região geográfica (UNODC, 2011a). Estima-se que, no Brasil, a razão homem: mulher é próxima a encontrada nos estudos americanos (3 homens:1 mulher) (CARLINI et al., 2011).

Os estudos internacionais mostram que as mulheres têm menos probabilidade de usar drogas ilícitas do que os homens. Porém, as mulheres têm mais probabilidade de usar medicamentos, por exemplo, os benzodiazepínicos. Em termos de diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, as pesquisas apontam que as mulheres podem se tornar dependentes mais rapidamente de inúmeras substâncias ilícitas, podendo, inclusive, se envolver em mais comportamentos de risco, como o HIV. Além disso, elas têm maiores taxas de mortalidade se injetarem drogas (UNODC, 2011b).

No Brasil, com exceção dos benzodiazepínicos (aproximadamente 2 mulheres para cada homem) e estimulantes (aproximadamente 3 mulheres para cada homem), a porcentagem de uso na vida entre os homens foi sempre maior que entre as mulheres. Com relação à dependência, os únicos dados relevantes do levantamento da população geral foram para maconha (para a maioria das outras drogas o uso foi insignificante para cálculo de dependência) e apontaram que ela é aproximadamente cinco vezes mais frequente em homens do que em mulheres (CARLINI et al., 2011).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

O fato é que mulheres estão aumentando o consumo de drogas de maneira significativa e os estudos nessa área discutem se esse aumento tem relação com uma maior proximidade das funções sociais desempenhadas por homens e mulheres (ZILBERMAN, 2003).

No que se refere ao início do consumo, enquanto as mulheres dependentes associam o beber a ocorrência de eventos significativos da vida, por exemplo, separação ou morte do cônjuge, os homens geralmente não apontam um evento específico (STEIN, 1997). Observa-se que o início do consumo da droga por mulheres vem se dando cada vez mais cedo, o que oportuniza o risco de desenvolver o quadro de dependência. Isso é inquietante, uma vez que as pesquisas demonstram que as mulheres são mais vulneráveis do que os homens frente àquilo que o consumo de substâncias psicoativas geram em relação ao corpo e a vida, pois as diversas substâncias (álcool, cocaína, “crack”...) exercem consequências peculiares entre as mulheres como o aumento do risco para o desenvolvimento de diversos tipos de câncer ginecológico, bem como implicações delicadas na gestação e no recém-nascido (ZILBERMAN, 2003).

Cabe ressaltar que o uso de drogas por mulheres, de acordo com alguns estudos, pode ser ocasionado por fatores relativos à violência física e sexual durante a infância (ROBERTS, 1999). Não podemos deixar de destacar que esse uso também pode ser um uso produzido, pois muitas vezes existem facilidades de consumo de medicamentos com uso prolongado como demonstra o estudo sobre o consumo de Diazepam por mulheres, uma vez que a mulher pode ser um alvo fácil das táticas da indústria farmacêutica; pelo tipo de assistência a que tem acesso; e pela sua condição de vida (OLIVEIRA, 2000). Ampliando o conceito de uso da droga, podemos sinalizar outra forma de uso por mulheres, quando nos damos conta de que mulheres (mães, esposas, filhas, irmãs, trabalhadoras) tornam-se também traficantes de drogas por diferentes motivos para o envolvimento com drogas (PIMENTEL, 2008).

A literatura indica que homens e mulheres dependentes de drogas apresentam múltiplas diferenças baseadas em interações entre variáveis



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

sociais, genéticas, hormonais, neurofisiológicas e ambientais (WALTER et al., 2003).

Além das características específicas nas mulheres, existem outros fatores, chamados de predisponentes, que são ambientais, culturais, por influência da mídia, bem como os fatores psicológicos individuais (SILVA et al., 2010). Vários estudos (CEBRID, 2001; 2005) mostram as diferenças de gênero na incidência e prevalência no uso de álcool, sendo que as mulheres apresentam menor prevalência no uso de substâncias psicoativas, incluindo o álcool. Porém esta diferença tem diminuído consideravelmente (ALMEIDA-FILHO, 2004; BARROS; LEHFEL, 2007), o que pode ser atribuído à conquista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, resultantes das lutas e movimentos feministas das décadas de 1960 a 1980, desencadeando uma tendência também em relação à igualdade no consumo de drogas, verificada pela mudança no estilo de vida que a mulher adquiriu juntamente com seus novos papéis e responsabilidades.

As drogas freqüentemente afetam o ciclo menstrual das mulheres e o uso dessas substâncias durante a gravidez podem resultar em parto prematuro, baixo peso do bebê ao nascer e nutrição deficiente. No entanto, alguns dos efeitos sobre o bebê e a mãe também podem ser atribuídos ao estilo de vida associado ao uso de substâncias psicoativas. Geralmente, as mulheres dependentes de drogas têm menos recursos (educação, renda, emprego), são mais suscetíveis de estar vivendo com um parceiro que faz uso de substâncias e têm problemas mais graves no início de um tratamento. Mulheres com problemas de uso de drogas também têm taxas mais altas do que os homens de trauma relacionados a abusos físicos e sexuais e distúrbios psiquiátricos simultâneos, particularmente estresse pós-traumático, desordem, ansiedade e outros distúrbios de humor (UNODC, 2011a).

De acordo com a tradição, a dependência de álcool e de outras drogas por mulheres sempre foi muito menos estudada do que a dos homens. E, dessa forma os estudos relacionados à dependência masculina foram erroneamente generalizados para as mulheres (HALLER; MOTHEY;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

SCHNOLL, 1994; HOCHGRAFH, 1995; HODIGINS, EL-GUEBALY; ADDINGTON, 1997; STEIN; CYR, 1997).

O mesmo pode ser dito de programas terapêuticos construídos e implementados para homens, frente as suas necessidades, empregados, indevidamente, às mulheres com pouca consideração às singularidades e diferenças entre os sexos, quer sejam de ordem fisiológica, psicológica ou social (SWIFTH; COPELAND; HALL, 1996; HODIGINS, EL-GUEBALY; ADDINGTON, 1997), desconsiderando que existem diferenças na iniciação do consumo, de se tornar dependente ou não da substância, nas influências sociais para o início do uso e no ingresso do tratamento (GRELLA, et al., 2008).

Embora esteja faltando informações de muitos países, alguns estudos indicam que as mulheres são menos propensas a entrar e completar um tratamento em dependência química do que os homens, enquanto outros estudos não encontraram diferenças. Em geral, os resultados de estudos sobre tratamento não encontraram diferenças de gênero. No entanto, estudos aprimorados dos programas de tratamento especificamente para atender as necessidades das mulheres têm encontrado melhoria nos resultados (UNODC, 2011a).

Atualmente, já não existem dúvidas de que, por um longo tempo, a dependência feminina foi um fenômeno escondido na maioria dos países (UNODC, 2011b). Tão escondido que nos anos 80, após uma investigação científica em busca por tratamentos mais eficazes e no sentido de delimitar a dependência feminina, esbarrou-se na extrema escassez de pesquisas que permitissem caracterizá-las enquanto subgrupo. A partir daí os movimentos feministas americanos passaram a defender a criação de programas terapêuticos mais adequados e sensíveis às prioridades das mulheres (ZILBERMAN, 1998).

Destaca-se, então, a importância de se buscar como em nossa sociedade e, especificamente, as mulheres estão fazendo uso de drogas (tanto lícitas, quanto ilícitas) e que valores estão direcionando a cultura do consumo no contemporâneo. Tempo esse em que a falta de certeza produz o vazio do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

desencontro, a aceleração sem contato, a dor da solidão e a angústia da nossa finitude, sendo esses indicadores do uso de drogas pelas mulheres como uma das possíveis formas de lidar com o sofrimento característico do nosso tempo (PINHO, 2005).

Dessa forma, instaura-se a necessidade de estudos singulares e pertinentes às mulheres e o consumo de drogas, que possam gerar cada vez mais subsídios para a implementação de políticas públicas e programas terapêuticos peculiares para suas necessidades e demandas.

APORTES CONCEITUAIS E O PERCURSO METODOLÓGICO

A concepção teórica adotada na pesquisa será a do campo reichiano que compreende a vida como aspecto inscrito na história do corpo mediante as experiências vivenciadas no contexto social, histórico, cultural (REICH, 1989). O viver em sociedade, para Reich (1986; 1988; 1989), produz relações e efeitos que geram modelagens nos sujeitos suscitando enrijecimentos, tensões e bloqueios no corpo. Para se “restaurar” o fluxo da vida, numa perspectiva inventiva, é necessário desconstruir tais couraças o que significa restituir um reencontro com a pulsação da vida que ficou aprisionada, favorecendo uma mudança não só no nível individual, mas também no coletivo (REICH, 1989).

A premissa fundamental desse campo de conhecimento é a compreensão de que corpo e mente é uma unidade funcional e indissolúvel. Outros conceitos importantes dessa área são a curva orgástica, a energia corporal e a couraça muscular, sendo esta disposta em segmentos, de forma circular, como um anel, em número de sete e organizadas, perpendicularmente, ao eixo céfalo-caudal do corpo humano inibindo a linguagem emocional (REICH, 1986; 1989).

Utilizaremos esses conceitos para a compreensão dos dados que levantaremos junto às mulheres com o padrão abusivo ou dependente de drogas, buscando os enrijecimentos e os encorajamentos que o uso de drogas agencia na vida dessas mulheres.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

A pesquisa terá aspecto qualitativo (MINAYO, 1994) e caráter etnográfico (CRESWELL, 2010), pois procuraremos a descrição das experiências vivenciadas pelas mulheres no grupo do CAPS ad, visando a “captura” de paisagens, do quadro, ou seja, da forma como descrevem, organizam e vivenciam a experiência em seu mundo. Caracteriza-se também por ser uma pesquisa de campo (TOBAR; YALOUR, 2001) porque será realizada no lugar onde ocorre o fenômeno, buscando-se elementos para explicá-lo a partir da ótica e interpretação das percepções das mulheres, em relação aos efeitos que o uso da substância psicoativa propicia em suas vidas.

Os sujeitos desta pesquisa serão as mulheres participantes do Grupo de Mulheres realizado pelo CAPS ad. Os cuidados éticos adotados preservarão o anonimato e sigilo das participantes (CONSELHO..., 1996). Os critérios de inclusão e participação das mulheres na pesquisa considerarão as seguintes variáveis: padrão de consumo abusivo ou dependente de quaisquer substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas; faixa etária a partir de 18 anos; voluntariedade de participação no estudo.

Para coleta de dados, utilizaremos pesquisa documental nos prontuários das mulheres no serviço e acompanhamento grupal para o levantamento das narrativas das mulheres. Nos prontuários buscaremos os dados de identificação, os dados socioeconômicos, do consumo de drogas, do registro de internações realizadas por consumo de droga, a participação familiar, a forma de acesso ao CAPS ad e o projeto terapêutico singular nesse serviço. E, no Grupo de Mulheres, buscaremos a experiência das mulheres com o uso de drogas, e para tanto, consideraremos os seguintes aspectos: os efeitos produzidos pela utilização da substância psicoativa em diferentes dimensões de suas vidas (trabalho, família, afetividade); os tipos de droga consumidos; o padrão de consumo da droga; os fatores para o uso da droga; como funciona a droga no contato com o seu corpo; o que o uso da droga facilita ou dificulta o seu contato com as pessoas.

A análise dos dados será organizada mediante a triangulação (CRESWELL, 2010; MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005) dos dados obtidos na pesquisa documental tendo como fonte os prontuários (fonte secundárias), as



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

narrativas grupais (fontes primárias). Para análise das narrativas grupais empregaremos a técnica da análise de conteúdo temática (BARDIN, 1979; MINAYO, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza do trabalho com as mulheres nos fez buscar um espaço de pesquisa no doutorado. Essa riqueza acontece quando escutamos histórias, nesse mesmo grupo, de outros e novos sentidos estabelecidos por essas mulheres... Quando encontram um amor, um trabalho, um novo viés de relação com a família, uma redução do seu consumo no uso da droga, priorizando um novo cuidado de si... Ou quando, no próprio espaço grupal, um coletivo de maternagem se opera, no cuidado solidário e potente do cuidado da dor e do acolhimento da outra nos momentos mais difíceis do seu tratamento operando um novo contexto de cuidado, operando uma possibilidade de reinventar a vida onde só parece haver desistência...

Sabemos que não há a possibilidade de evitar o consumo de drogas para qualquer humano e sequer para as mulheres. Mas se tem a certeza da construção, cada vez mais, da abertura e da expressão da palavra e de lugares que possam produzir uma relação de cuidado e de leveza para as mulheres que encontram, no uso da droga, uma âncora provisória de enfrentamento de suas dificuldades frente ao diverso universo do mundo, até que possam encontrar outros sentidos para suas vidas, não tão destituídos de autonomia, mas sim, de reinvenção e invenção cotidiana de atitudes frente às dificuldades de existir, viver...

Dessa forma, mediante essa pesquisa, pretendemos trazer à luz os processos vivenciados por essas mulheres nesse espaço e que essa riqueza possa criar muitas vozes... Vozes que possam ser escutadas na sua singularidade e que podem gerar subsídios para políticas públicas de cuidado nessa atenção.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10

Ultrapassamos a fase da qualificação da pesquisa, no doutorado. Agora vamos a campo. Campo dos encontros, das surpresas, campo da experiência dessas mulheres...

.....

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BLUE, S. B. Women and alcohol. *Journal of the American Medical Association*. n. 256, 1986, p. 135-145.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Nacional DST/AIDS. A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- BRASILIANO, Silvia. Psicoterapia psicanalítica de grupo para mulheres drogadictas: o que há de feminino? In: BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina (Orgs.). *Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, v.1, p. 199-205.
- CARLINI, Elisaldo A. et al. I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil – 2001. São Paulo: Cebrid, 2002.
- _____. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005 - São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>>.. Acesso em: 11 jun. 2011.
- CEBRID. I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP 2001. Disponível em: <http://www.cebrid.epm.br>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- DSM IVTM. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Transtornos relacionados a substâncias. In: _____. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2002. p. 207-301.
- GRELLA, Cristine E. et al. Gender similarities and differences in the treatment, relapse and recovery cycle. *Eval Rev*, February, 2008, n. 32, p. 113-137.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

11

HALLER, D. L.; MOTHLEY, C. W.; SCNOLL, S. H. Personality and addiction: focus on women. In: WATSON, R. R.. (Org.). Addictive behaviours in women. Nova Jérsei: Human Preess, 1994.

HOCHGRAF, P. B. Alcoolismo feminino: comparação das características sociodemográficas e padrão de evolução entre homens e mulheres alcoolistas. 1995. (Tese). Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

HODGINS, D. C.; EL-GUEBALLY, N; ADDINGTON, J.T treatment of substance abusers: single or mixed gender programs? *Addiction*, 1997, n. 92, p. 805-812.

NATHONY. J. C.; HELZER, J. E. Syndromes of drug abuse and dependence. In: ROBINS, L. N.; REGIER, D. A. (Orgs.) *Psychiatric disorders in America: the epidemiologic catchment área study*. Nova Iorque. The Free Press, 1991.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré. Saúde mental e mulheres: sobrevivência, sofrimento e dependência química lícita. Sobral: Edições UVA, 2000.

PIMENTEL, Elaine. Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 4., 2008, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 2008, número de série: 708, p. 1-14.

PINHO, Gabriela Salomão Alves. “Minha saúde não é de ferro, mas meus nervos são e aço”: a mulher e o uso de drogas na sociedade contemporânea. *Mnemosine*, vol. 1, n.1, 2005, p. 277-345.

RASCH, Scheila Silva. **Viajantes em busca de saídas**: o grupo de movimento como uma possível rota terapêutica para usuários de álcool e de outras drogas. 2005. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A Revolução sexual*. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

_____. *A função do orgasmo*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ROBERTS, C. A. Drug use among inner-city African American women: the process of managing loss. *Qualitative Health Research*, 1999, n. 9 (5), p. 620-628.

SILVIA, Brasiliano. **Comorbidade entre dependência de substâncias psicoativas e transtornos alimentares**: perfil e evolução de mulheres em um tratamento específico para dependência química. 2005. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

12

http://www.mulherdependentequimica.com.br/Silvia_Brasiliano_Doutorado.pdf
Acesso em: 07 jul. 2011.

STEIN MD, CYR, MG. Women and substance abuse. *Medical Clinics of North America*, 1997, n. 81, p. 979-998.

SWIFT, W. ; COPELAND, J.; HALL, W. Charecteristics of women with alcohol na other drugs problems: findings of na Australian national survey. *Addiction*, 1996, n. 91, p. 1141-1150.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). Substance abuse treatment and care for women: case studies and lessons learned.

Vienna: United Nations Publication; 2004. Disponível em:

<http://www.unodc.org/pdf/india/womens_corner/sustance_abuse_treat_care.pdf> Acesso em: 11 jun. 2011.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). *Global Illicit Drug Trends 2002*. Disponível em: <http://www.unodc.org/pdf/report_2002-06-26_1/report_2002-06-26_1.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2011.

WALTER H, et at. Gender specific differences in alcoholism: implications for treatment. *Arch Women Mental Health*. 2003; n. 6, p.253-258.

ZILBERMAN, Monica Levit. **Características clínicas da dependência de drogas em mulheres**. (Tese). São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 1998. Disponível em:

<<http://www.drashirleydecampos.com.br/imprimir.php?noticiaid=20890>>.

Acesso em: 05 jun. 2011.

_____. O uso de drogas entre mulheres. In: BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina (Orgs.). *Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, v.1, p. 175-185.

AUTORAS

Scheila Silva Rasch – Psicóloga, CRP 16/422; especialista em Psicologia Clínica; psicoterapeuta corporal; CBT em Análise Bioenergética; mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES; membro da Equipe Técnica do CAPS Ad, Prefeitura de Vitória.

E-mail: scheilarasch@gmail.com

Angela Nobre de Andrade – Doutora em Psicologia; docente da Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES;

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RASCH, Scheila Silva; ANDRADE, Angela Nobre. Movimentos do corpo-vida de mulheres usuárias de drogas. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

13

pesquisadora do Grupo de Pesquisa Aprendizagem Significativa na Formação de Profissionais de Saúde e Educação da Universidade de São Paulo (USP) e Processos Psicológicos e Saúde (UFES).

E-mail: anobre@terra.com.br

